

**FABIANO TADEU GRAZIOLI
(ORGANIZADOR)**



A EXPRESSIVIDADE E SUBJETIVIDADE DA LITERATURA

Atena
Editora
Ano 2019

Fabiano Tadeu Grazioli

(Organizador)

A Expressividade e Subjetividade da Literatura

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E96	A expressividade e subjetividade da literatura [recurso eletrônico] / Organizador Fabiano Tadeu Grazioli. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-593-8 DOI 10.22533/at.ed.938190209 1. Criação (Literária, artística etc.). 2. Literatura – Estudo e ensino. I. Grazioli, Fabiano Tadeu. CDD 801.92
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O que é expressivo e o que é subjetivo na literatura? A expressividade e a subjetividade são elementos indissociáveis na construção da obra literária? Se tomamos a expressividade como a capacidade de utilizar a palavra em um nível que a desvincula do pragmatismo da língua, como ela se manifesta nas obras que chamamos de literárias justamente pela capacidade de seus criadores operarem com cuidado tal elemento? E se tomamos a subjetividade como a manifestação do sensível, como ela se transfigura na literatura e opera, justamente no nível da expressividade, da construção dos textos artísticos? A expressividade e a subjetividade são elementos que compõem as obras que procuram alcançar o público adulto ou são intrínsecas também na construção da obra pensada para o público infantil e juvenil? A expressividade e a subjetividade devem ser observadas e mesmo definir os princípios que envolvem a mediação de leitura, já que percebê-las é um fator determinante na recepção da obra? As características da literatura focalizadas nessa obra ultrapassam o texto impresso e migram para outras linguagens, como a dança, o cinema e os gêneros textuais que as redes sociais abarcam?

Essas e muitas outras questões em torno do título da chamada para a presente obra inspiraram pesquisadores de diversas instituições brasileiras a escreverem os textos que a compõem, muitos assumindo as reflexões com as quais abrimos esta Apresentação, outros simplesmente inspirados por elas.

O entendimento muito particular das questões levantadas anteriormente levou ao desdobramento do título da chamada – e da obra – em trabalhos de temáticas variadas, e que, por vezes, entrecruzam-se, haja vista abordagens parecidas, o aproveitamento dos mesmos aportes teóricos, o estudo de obras de mesmos autores ou autoras ou épocas, ou, então, a pesquisa sobre obras destinadas ao mesmo público. A divisão que propomos ao organizarmos a obra serve somente para melhor agruparmos os estudos em temáticas e para apresentá-los, tendo em vista alguma aproximação. Contudo, o Sumário que propomos é contínuo, sem as divisões que o leitor perceberá nesta Apresentação.

Nos primeiros seis textos, são abordadas importantes temáticas em obras escritas por mulheres, que trazem temas como a representação da memória, a escrita autobiográfica, o testemunho, as questões de gênero, entre outros. Na ordem em que aparecem na obra, eles abordam especificamente: a dimensão simbólica espaço-temporal na linguagem que compõe a narrativa *A cidade sitiada*, de Clarice Lispector; a representação das memórias de tempos de grande sofrimento – a espera do marido que estava preso no campo de concentração de Buchenwald, no período da ocupação alemã na França – na obra *A Dor*, da escritora francesa Marguerite Duras; o fazer literário a partir do romance contemporâneo *Desamparo*, da escritora portuguesa Inês Pedrosa, com destaque para a utilização da memória na estrutura da narrativa, na História ou na fábula, lugar em que se cruzam o político e o biográfico de Portugal e do

Brasil; a análise da constituição do medo na narrativa fantástica *Lídia*, de Maria Teresa Horta, que resulta em uma releitura das relações de gênero, destacando a presença emudecida e silenciada do outro: a mulher; a escrita historiográfica de Elisabeth Badinter no seu livro *Émilie, Émilie*, com vista a discutir as representações sociais sobre o papel destinado à mulher no *status quo* do ocidente, via análise do cenário social no século XIII; o silenciamento do testemunho feminino em *A guerra não tem rosto de mulher*, de Svetlana Aleksievitch.

Os três capítulos seguintes também tratam de obras literárias escritas por mulheres. O primeiro dos três aponta a marca feminina na composição de *Coletânea das Flores: poetizas do Pajeú*, subvertendo a hegemonia masculina na autoria da poesia popular nordestina e deixando em evidência a utilização de diversos recursos poéticos e a contribuição valiosa da escrita poética de mulheres que vieram para somar e ampliar o universo predominantemente masculino. O segundo trata da representação de Lisboa na literatura de autoria feminina, tomando, para isso, as obras de Luísa Sigeia, Teresa Orta, Ana Plácido, Guiomar Torresão, Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa. O terceiro fecha a presença da literatura produzida por mulheres trazendo à obra uma interpretação do conto *Ovo e a Galinha*, de Clarice Lispector, baseada em um viés epistemológico, relacionando a narrativa à filosofia de Kant, como uma teorização acerca da dualidade de conhecimentos possíveis, o cognoscível e o conhecimento das coisas em si.

Ainda na esteira das análises de obras literárias, um estudo demonstra a cena de escrita, que se dá na encenação do ato de escrituração, nos poemas *A faca não corta o fogo*, *Servidões* e *A morte sem mestre*, de Herberto Helder. Na sequência, são focalizadas as questões identitárias e de gênero literário no relato de vida indígena *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*, de Davi Kopenawa e Bruce Albert. O capítulo seguinte apresenta as correlações entre o som e silêncio com os momentos finais da incansável busca dos amantes da obra *Avalovara*, de Osman Lins, e as possíveis associações com o sagrado impregnado na tradição oriental do tantrismo. O capítulo seguinte trata de uma leitura sobre o conto *Insônia*, de Graciliano Ramos, que observa os aspectos estruturais de sua narrativa e possibilita estabelecer uma relação com os princípios que norteiam a literatura fantástica. No capítulo que é apresentado posteriormente, os pesquisadores realizam uma análise da obra *Belém do Grão-Pará*, de Dalcídio Jurandir, com objetivo de refletir sobre os personagens infantis que surgem nessa narrativa como figuras metonímicas do desnudamento humano, apontando para a condição de exceção daqueles que estão à margem de qualquer privilégio no contexto pós-belle époque. No fechamento dessa parte, evidencia-se um estudo da obra *Saudade*, do escritor Tales de Andrade, que recai na análise acerca da linguagem empregada pelo autor, a partir, principalmente, dos pressupostos teóricos de Alice Maria Faria, recuperados do texto *Purismo e coloquialismo nos textos infanto-juvenis*.

Pensar a expressividade e a subjetividade da literatura só tem sentido se o encontro entre obra literária e leitor, de fato, ocorrer. Assim, a obra que estamos a

apresentar abre espaço para alguns estudos que refletem sobre a mediação de leitura, a formação de leitores e a formação de professores. Dessa maneira, na sequência, dois pesquisadores realizam uma reflexão sobre a formação de leitores na infância, isto é, nas séries iniciais do ensino fundamental, com o objetivo básico de dialogar com as concepções teóricas e práticas que sustentam a formação de leitores nessa fase escolar, levando-se em conta os processos de alfabetização e de multiletramentos. Em seguida, tem espaço um capítulo sobre a construção dos sentidos do texto literário por crianças do 1º ciclo de formação humana. Com base nos dados recolhidos pelas autoras/pesquisadoras, é possível afirmar que as crianças mostram-se ativas participantes da interação propiciada pelos Círculos de Leitura (prática de mediação de leitura proposta pelo pesquisador Rildo Cosson), apontando aspectos interessantes nos livros, quando fazem previsões motivadas, sobretudo, pelas imagens. As análises também mostram a necessidade de mediação para que elas ampliem a compreensão de textos literários desafiadores, que exigem do leitor habilidades complexas, como a de realizar inferências. O estudo seguinte abre espaço para importantes reflexões sobre a leitura e a escrita no contexto da infância. Posteriormente, a obra traz um capítulo que reúne reflexões presentes em duas pesquisas – uma de mestrado e outra de doutorado –, cujo objeto comum é o interesse em pensar o letramento literário, tendo em vista a mediação e a recepção da literatura juvenil. No capítulo apresentado depois, a formação de leitores literários continua sendo focalizada, contudo em um trabalho que reflete sobre a literatura e formação inicial e continuada de professores leitores literários, o que nos leva a afirmar que a leitura literária deve ser pensada em campos distintos de atuação: junto aos pequenos e jovens leitores e junto àqueles que se preparam para mediar as práticas de leitura realizadas com os primeiros. Ganha espaço, na continuação da obra, um estudo sobre o Estágio Supervisionado Obrigatório, componente curricular central na formação inicial de professores e professoras.

Uma vez que não podemos conceber a literatura sem considerar o diálogo com as outras artes e linguagens, a obra encerra-se com quatro estudos, um sobre a relação entre um poema e a dança, dois sobre cinema e um sobre um gênero textual que tem comparecido nas redes sociais de maneira recorrente, o “meme”. No primeiro capítulo dessa última parte, é apresentado um trabalho investigativo de literatura comparada do poema *L'après-midi d'un faune*, de Mallarmé, e a notação coreográfica de Nijinsky inspirado no poema, também intitulada *L'après-midi d'un faune*. Adentrando na área do cinema, temos uma análise hermenêutica do percurso do personagem Che Guevara, de *Diários de motocicleta*, filme do cineasta Walter Salles, a partir do arcabouço teórico fornecido pelo conceito de “engajamento”, disseminado nos escritos de Jean-Paul Sartre e, mais especificamente, na entrevista *O existencialismo é um humanismo*, de 1945. O capítulo posterior é uma instigante reflexão sobre cinema, fabulação e educação infantil. Fecha a obra uma investigação sobre o gênero textual digital “meme” e sua importância para a tomada de consciência política, a partir da metodologia conhecida como investigação-ação.

Ao todo, são trinta e nove autores que compareceram a mais esta chamada da Atena Editora, alguns até assinando dois trabalhos na obra. Esperamos que o leitor que agora entra em contato com os capítulos perceba o entusiasmo que moveu um grupo tão grande e escolha os estudos de seu interesse para apreciação e leitura.

O organizador

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
DA MEMÓRIA À IMAGINAÇÃO: DIMENSÃO SIMBÓLICA ESPAÇO-TEMPORAL EM <i>A CIDADE SITIADA</i> DE CLARICE LISPECTOR	
Maria de Lourdes Dionizio Santos	
DOI 10.22533/at.ed.9381902091	
CAPÍTULO 2	7
ARQUIVOS DA MEMÓRIA EM <i>A DOR</i> DE MARGUERITE DURAS	
Maria Cristina Vianna Kuntz	
DOI 10.22533/at.ed.9381902092	
CAPÍTULO 3	15
REMEMORAÇÃO EM PROCESSO - INÊS PEDROSA	
Ulysses Rocha Filho	
DOI 10.22533/at.ed.9381902093	
CAPÍTULO 4	24
MEDO E RELAÇÕES DE GÊNERO EM UMA NARRATIVA FANTÁSTICA DE MARIA TERESA HORTA	
Ana Paula dos Santos Martins	
DOI 10.22533/at.ed.9381902094	
CAPÍTULO 5	32
MULHERES E AMBIÇÃO NA ESCRITA DE ELISABETH BADINTER	
Anna Christina Freire Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.9381902095	
CAPÍTULO 6	41
O SILENCIAMENTO DO TESTEMUNHO FEMININO EM <i>A GUERRA NÃO TEM ROSTO DE MULHER</i> DE SVETLANA ALEKSIÉVITCH	
Émile Cardoso Andrade	
Thayza Alves Matos	
DOI 10.22533/at.ed.9381902096	
CAPÍTULO 7	49
PERIGLOSAS: TRADIÇÃO E RUPTURA NA POESIA DO PAJEÚ	
Luiz Renato de Souza Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.9381902097	
CAPÍTULO 8	58
A CIDADE QUE NÃO É DE ULISSES, O PARAÍSO QUE NÃO É DE EVA	
João Felipe Barbosa Borges	
DOI 10.22533/at.ed.9381902098	

CAPÍTULO 9	69
CLARICE LISPECTOR E A EPISTEMOLOGIA: UMA ANÁLISE DE <i>O OVO</i> E <i>A GALINHA</i> A PARTIR DA <i>CRÍTICA DA RAZÃO PURA</i> , DE KANT	
Alexandre Bartilotti Machado	
DOI 10.22533/at.ed.9381902099	
CAPÍTULO 10	79
CENAS DE ESCRITA NO ÚLTIMO HERBERTO HELDER	
Roberto Bezerra de Menezes	
DOI 10.22533/at.ed.93819020910	
CAPÍTULO 11	87
EU, TU E NÓS: QUESTÕES IDENTITÁRIAS E LITERÁRIAS EM <i>A QUEDA DO CÉU</i> : PALAVRAS DE UM XAMÃ <i>YANOMAMI</i>	
Juliana Almeida Salles	
DOI 10.22533/at.ed.93819020911	
CAPÍTULO 12	97
TRANSFIGURAÇÃO E SILÊNCIO EM <i>AVALOVARA</i> , DE OSMAN LINS	
Martha Costa Guterres Paz	
DOI 10.22533/at.ed.93819020912	
CAPÍTULO 13	110
A (DES)RAZÃO COMO ESPAÇO DO FANTÁSTICO EM “INSÔNIA”, DE GRACILIANO RAMOS	
Maria de Lourdes Dionizio Santos	
DOI 10.22533/at.ed.93819020913	
CAPÍTULO 14	117
A INFÂNCIA DESNUDA: A REGRA NA VIDA DOS AGREGADOS DA FAMÍLIA ALCÂNTARA EM BELÉM DO GRÃO PARÁ DE DALCÍDIO JURANDIR	
Rosane Castro Pinto	
Augusto Sarmiento-Pantoja	
DOI 10.22533/at.ed.93819020914	
CAPÍTULO 15	127
O PURISMO GRAMATICAL NA OBRA <i>SAUDADE</i> , DE TALES DE ANDRADE	
Rondinele Aparecido Ribeiro	
Fabiano Tadeu Grazioli	
DOI 10.22533/at.ed.93819020915	
CAPÍTULO 16	136
FORMAÇÃO DE LEITORES NA INFÂNCIA: PISTAS PARA MULTILETRAMENTOS	
José Teófilo de Carvalho	
Krisna Cristina Costa	
DOI 10.22533/at.ed.93819020916	

CAPÍTULO 17	151
A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS DO TEXTO LITERÁRIO POR CRIANÇAS DO 1º CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA	
Maria Elisa de Araújo Grossi Maria Zélia Versiani Machado	
DOI 10.22533/at.ed.93819020917	
CAPÍTULO 18	166
LEITURA E ESCRITA: UM MUNDO A SER DESCOBERTO PELA CRIANÇA	
Ana Lucila Macedo dePossídio Elinalva Coelho Luz	
DOI 10.22533/at.ed.93819020918	
CAPÍTULO 19	172
LITERATURA JUVENIL NA PERSPECTIVA DOS LEITORES E DOS MEDIADORES	
Eliana Guimarães Almeida Lívia Mara Pimenta de Almeida Silva Leal Maria Zélia Versiani Machado	
DOI 10.22533/at.ed.93819020919	
CAPÍTULO 20	186
LITERATURA E FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DE PROFESSORES LEITORES LITERÁRIOS: UM ENTRE-LUGAR OU UM NÃO-LUGAR?	
Cleudene de Oliveira Aragão	
DOI 10.22533/at.ed.93819020920	
CAPÍTULO 21	202
ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO: LEITURA E RELEITURA DO PERCURSO FORMATIVO DOCENTE	
Rosileide dos Santos Gomes Soares Adelina Maria Salles Bizarro Kamila Kayrelle Barbosa Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.93819020921	
CAPÍTULO 22	216
A POÉTICA DE <i>L'APRÈS-MIDI D'UN FAUNE</i> : DOS VERSOS AOS PALCOS, O HÍMEN DE MALLARMÉ	
Thaís Meirelles Parelli	
DOI 10.22533/at.ed.93819020922	
CAPÍTULO 23	225
DIÁRIOS DE MOTOCICLETA: É POSSÍVEL SE FALAR EM CINEMA ENGAJADO NA CONTEMPORANEIDADE?	
Deise Quintiliano Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.93819020923	

CAPÍTULO 24	236
CINEMA, FABULAÇÃO E EDUCAÇÃO INFANTIL	
Janete Magalhães Carvalho	
Sandra Kretli da Silva	
Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera Delboni	
DOI 10.22533/at.ed.93819020924	
CAPÍTULO 25	242
O MEME ENQUANTO GÊNERO TEXTUAL E SUA IMPORTÂNCIA NA TOMADA DE CONSCIÊNCIA POLÍTICA	
Kleberson Saraiva dos Santos	
Stanley Gutierly Messias da Paz	
Erisvânio Araújo dos Santos	
Glaubia de Castro Amorim	
Carollaine Pinto de Souza	
Patrícia Ferreira Alves	
DOI 10.22533/at.ed.93819020925	
SOBRE O ORGANIZADOR	253
ÍNDICE REMISSIVO	254

CLARICE LISPECTOR E A EPISTEMOLOGIA: UMA ANÁLISE DE *O OVO E A GALINHA* A PARTIR DA *CRÍTICA DA RAZÃO PURA*, DE KANT

Alexandre Bartilotti Machado

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Graduando em História pela Universidade do

Estado da Bahia- UNEB- Campus I. E-mail:

<alexandrebmachado@yahoo.com>. Orientando da Profa. Dra. Márcia Maria da Silva Barreiros.

RESUMO: Neste trabalho, pretendemos relacionar a literatura de Clarice Lispector com a filosofia de Kant. Como nossa fonte de análise escolhemos o conto *O Ovo e a Galinha* (LISPECTOR, 2016). Objetivamos, assim, a partir dessa interconexão expor uma interpretação do conto baseada num viés epistemológico. Com *Crítica da Razão Pura* (KANT, 2001) por base bibliográfica, abordaremos a obra de Lispector como uma teorização acerca da dualidade de conhecimentos possíveis, o cognoscível e o conhecimento das coisas em si.

PALAVRAS-CHAVE: Kant. Epistemologia. Clarice Lispector.¹

CLARICE LISPECTOR AND THE EPISTEMOLOGY: ANALYZING *O OVO E A GALINHA* FROM *CRITIQUE OF PURE REASON*, BY KANT

ABSTRACT: This paper intends to propose connections between Clarice Lispector's works and Kant's philosophy. We've chosen the short story "O Ovo e a Galinha" (LISPECTOR, 2016) for analysis. Our goal, through this interconnection, is to expose an interpretation for the short story based on an epistemological view. Having "The Critique of Pure Reason" (KANT, 2001) as source, we'll approach Lispector's work by theorising about the duality of possible knowledge, the perceptible and the knowledge of the subject itself.

KEYWORDS: Kant. Epistemology. Clarice Lispector.

1 | INTRODUÇÃO

No começo da *Metafísica*, Aristóteles (1984, p. 11) diz que "Todos os homens têm, por natureza, o desejo de conhecer". Se a questão psicológica, ou seja, do desejo, é verdadeira ou falsa, queremos dizer, se temos ou não, de

1 Esse artigo é uma versão ligeiramente alterada do trabalho apresentado no IV Colóquio de Filosofia e Literatura: Poética (2017) em Aracaju-SE intitulado *A galinha e o conhecimento do ovo: uma análise de Clarice Lispector a partir da epistemologia kantiana*. Para mais, ver: MACHADO, A. B. A galinha e o conhecimento do ovo: uma análise de Clarice Lispector a partir da epistemologia kantiana. In: IV Colóquio Filosofia e Literatura: Poética, 2017, São Cristóvão/SE. Anais do IV Colóquio Filosofia e Literatura. São Cristóvão/SE: Editora UFS, 2017. p. 176-185. Disponível em <https://gefelit.net/anais/Anais_IV_p176_Alexandre_Bartilotti_Machado.pdf>. Acesso em 9 mai. 2019.

fato, um impulso natural que nos impele ao trabalho árduo do conhecimento, esse trabalho que consiste em dar forma sempre inacabada à infinidade perfeita, não é de nossa alçada dizer. Contudo, nos valendo ainda de Aristóteles, numa concepção mais contemporânea e que se aplica muito melhor a esse trabalho de análise filosófico-literária, podemos dizer, em verdade, que todos os homens se relacionam com o conhecimento. Seja em uma perspectiva dialética com outro sujeito humano ou numa relação com a abstração mental, os indivíduos, todos, lidam com os dados gerados por suas memórias através de suas faculdades mentais, bem como com o conhecimento consequente disso, sempre cercados de um determinado contexto espacial e temporal, ou seja, histórico. Assim, um tema como conhecimento sempre revela-se importante e atual na pesquisa acadêmica.

De diferentes formas ao longo da história, as ciências abordam suas problemáticas. Sendo ela mesma também, em parte, construção das sociedades em temporalidades e localidades específicas – de forma resumida, sob um específico contexto histórico –, seu discurso alterou-se, reformulou-se, viveu, enfim, a história como os próprios sujeitos que se dedicaram sobre ela. Com a Epistemologia² o caso não foi outro.

Nesse ínterim, nosso objetivo é analisar o conto de Clarice Lispector, *O Ovo e a Galinha*, presente no livro de contos *A Legião Estrangeira* (1964), tomando por base bibliográfica principal a *Crítica da Razão Pura* (1781), de Kant. Não se trata de analisar como Kant, de fato, teria determinado o conteúdo filosófico do texto, mas, sim, sobre como podemos compreender esse conto considerado comumente tão hermético a partir de uma abordagem epistemológica kantiana. Pelo exposto, pretendemos interpretar essa específica obra de Lispector como uma teorização acerca das possibilidades humanas de conhecer a realidade.

2 | CLARICE LISPECTOR: VIDA, OBRA E VIDA COMO OBRA

Para além de si mesma é que se encontra o domínio da palavra, e por mais universal que seja considerada a obra de determinado autor, tanto ele quanto seus escritos são sempre frutos de seu contexto histórico. Não se trata de determinismo, mas de entender que, para uma compreensão mais aprofundada do conteúdo estético e filosófico de uma produção literária, é necessário – devido à dialética autor-contexto –, também atentar ao tempo e ao espaço em que as obras se presentificam. É claro que, desde sempre, mas, sobretudo na contemporaneidade, além do olhar ao externo, faz-se presente também a necessidade de que se lancem olhares às interioridades. Ainda mais quando falamos de alguém que se dedica tantos aos assuntos internos como Clarice Lispector, que chega a compor sua obra como um exercício constante de “autobiografia espiritual” (MOSER, 2017, p. 17).

2 Embora desde o início da história da Filosofia tenha-se abordado as possibilidades e limites do conhecimento humano, o termo “Epistemologia”, o ramo da Filosofia que propõe-se a investigar justamente essa questão, só foi criado posteriormente pelo filósofo escocês James Frederick Ferrier (1808-1864).

Clarice Lispector³, interpretada viva e morta das mais diversas formas, “nativa e estrangeira, judia e cristã, bruxa e santa, homem e lésbica, criança e adulta, animal e pessoa, mulher e dona de casa”, nasceu em 10 de dezembro de 1920, na província de Tchetchelnik, atual território da Ucrânia, filha de um casal de judeus emigrados russos, Pinkhas e Mania Lispector (MOSEK, 2017, p. 18). Seus pais, após saírem do território russo, passando pelo território ucraniano e, posteriormente, por terras romenas, mudam-se para o Brasil, aportando nas cidades de Maceió, Pernambuco e, depois, se mudam uma última vez com o pai de Clarice ainda vivo para o Rio de Janeiro, em 1935, quando a futura escritora contava quinze anos (MOSEK, 2017, p. 111). Em 1943, já formada em Direito, Clarice Lispector se casa com Maury Gurgel Valente, que conhecera na faculdade, passando a morar em diversos países, até que se separa do marido em 1959 e regressa ao Brasil com os dois filhos. Sua morte ocorreria em 1977, devido a um câncer de ovário.

Formada em Direito, Clarice Lispector percebe que não é aquilo que gostaria de seguir fazendo. Então, migra com a ajuda de suas relações ao jornalismo. Publica em 25 de Maio de 1940, *Triunfo*, seu primeiro conto (MOSEK, 2017, p. 123). Segue com a atividade jornalística e literária até que, três anos mais tarde, vem à tona seu primeiro romance, *Perto do Coração Selvagem* (1943), indo ao exterior pouco depois da publicação. Além de seu primeiro livros os romances mais citados de Lispector na pesquisa acadêmica são: *A Paixão Segundo G.H.* (1964) e *A Hora da Estrela* (1977), ademais os menos famosos, *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres* (1969) e *Um Sopro de Vida: Pulsações* (1978), publicado *post mortem*. Dentre sua obra como contista, destacamos aqui *Laços de Família* (1960), *Felicidade Clandestina* (1971) e *A Legião Estrangeira*, foco de nossa análise.

Embora insistisse em descrever a si própria como uma simples dona de casa, Clarice e sua obra nos abrem possibilidades para compreendermos muito mais acerca de seu tempo e dela mesma. Clarice posta-se em seus escritos como uma estrangeira. Não por seu nascimento na Ucrânia, mas por causa da posição em que se colocava de acordo com sua visão de mundo. Não era apenas seu rosto com formato lupino ou seus “r” afrancesados que a denotavam como exterior ao comum, ao contemporâneo, é exatamente o contrário: é de dentro de sua própria convivência com o cotidiano, com o banal e o diário, que ela coloca-se como elemento externo a essa realidade; é exatamente a partir do banal que advém o sentimento estrangeiro em sua prosa, seja pela diferenciada formulação vocabular, seja pelas experiências epifânicas de suas personagens.

Um recurso constante em sua literatura é a epifania. Um dos estudos principais acerca da obra de Lispector e sua relação com a epifania é o livro de Olga Sá, *A Escrita de Clarice Lispector*, vencedor do Prêmio Nacional de Literatura – ensaio e Crítica, em 1980. Nesse livro, a autora, utilizando-se de Álvaro Lins, diz que, embora

3 Pouco se sabia disso antes de sua morte, mas “Clarice” é a versão abasileirada de seu nome russo, Chaya Pinkhasovna Lispector.

mantenha relações com James Joyce, é de Virgínia Woolf que mais se aproxima a prosa de Lispector (Sá, 2000, p. 163). Segundo Sá (2000, p. 201), mesmo não havendo a escrita, em nenhuma parte dos romances, contos ou crônicas de Lispector da palavra epifania, pode-se perceber em seus textos um corrente uso dessa “poética do instante”, que, ademais seus questionamentos ao ato de nomeação das coisas, provém de sua relação com a linguagem. Em seu estudo, Olga de Sá (2000, p. 192) nos apresenta a epifania em três tipos diferenciados: 1) epifania-visão, aquela advinda da interferência visual; 2) epifania crítica ou antiepifania, que ocorre na visão crítica do sujeito acerca de si ou de algo; 3) epifania-linguagem, que se dá quando a própria linguagem se torna agente epifânico. Quanto a Clarice Lispector, mais especificamente ao analisar *Perto do Coração Selvagem*, a autora nos diz que “Assim como existe em Clarice Lispector toda uma gama de epifanias de beleza e visão, existe também uma outra das epifanias críticas e corrosivas, epifanias do mole e das percepções decepcionantes [...]” (Sá, 2000, p. 200) Sendo assim, a obra de Lispector é plural quanto ao uso da epifania, o que torna seu texto mais complexo para análise.

Acerca de seu estilo, Sant’anna (1973, p.191) nos sinaliza que “o foco narrativo não traz inovações ou rupturas violentas em relação aos métodos tradicionais de narrar”. Para além disso, há, contudo, o uso do discurso indireto livre e de curtos diálogos. Candido nos proporciona boa continuidade a essa discussão: “O seu ritmo é um ritmo de procura, de penetração que permite uma tensão psicológica poucas vezes alcançada em nossa literatura contemporânea. Os vocábulos são obrigados a perder o seu sentido corrente, para se amoldarem às necessidades de uma expressão sutil e tensa [...]” (CANDIDO, 1977, p. 129). Todos os recursos que compõem esse estilo inovador são a base para que Clarice Lispector construa, através de um “impulso essencialmente espiritual” (MOSER, 2016, p. 21) seu árduo e constante trabalho de análise de si, que dá a ela o poder de tornar sua própria vida objeto de reflexão e arte.

3 | KANT E A EPISTEMOLOGIA: ENTRE AS COISAS EM SI E A REPRESENTAÇÃO

Eis o que diz Schopenhauer em *O mundo como vontade e representação* no apêndice dedicado a uma análise crítica da filosofia de Kant: “É bem mais fácil demonstrar as falhas e os erros na obra de um grande espírito que oferecer um desenvolvimento claro e completo de seu valor.” (SCHOPENHAUER, 2015, p.481). Segundo ele, a obra-prima de um “verdadeiro grande gênio” teria uma abrangência impossível de calcular em relação aos séculos e países séculos que poderia influenciar. É dessa forma que Schopenhauer posiciona Kant na totalidade dos filósofos de sua época, criticando seu tempo, que parecia ter renegado Kant, que considerava suas obras como “ultrapassadas” em favor do “antigo dogmatismo realista e sua escolástica” (SCHOPENHAUER, 2015, p. 482). Ao revisar a filosofia de Kant, Schopenhauer aponta que seu maior mérito seria “A DISTINÇÃO ENTRE APARENCIA E COISA EM SI – com base na demonstração de que entre as coisas e nós sempre ainda

está o INTELLECTO, pelo que elas não podem ser conhecidas conforme seriam em si mesmas.” (SCHOPENHAUER, 2015, p. 484, maiúsculas do autor).

No devir histórico da Filosofia, embora seus contemporâneos e os imediatamente posteriores a ele não assim o reconhecessem, Kant posta-se como um passo além da dualidade idealismo/racionalismo *versus* empirismo, apoiada, respectivamente, em Platão e Aristóteles, representados modernamente por Descartes e Hume. Seu “duplo combate: contra o empirismo e contra o racionalismo dogmático”, que percebem a razão, respectivamente, como meio e fim reflete-se numa análise da razão através da própria razão. Sua proposta na *Crítica da Razão Pura* (1781) é, ao invés de, a partir da razão, proceder com o processo de conhecer o mundo em redor, criticar, primeiramente a razão através da determinação tanto da fonte quanto da extensão e dos limites dela mesma, instaurando-se, assim, um “auto-exame” para a “autolegitimação da razão independente da experiência.” (HÖFFE, 2005, p. 38; DELEUZE, 1975, p. 11-2).

Kant começa sua *Crítica da Razão Pura* esboçando a primazia da experiência enquanto fator propulsor do processo de conhecimento: “Se, porém, todo o conhecimento se inicia com a experiência, isso não prova que todo ele derive da experiência” (KANT, 2001, B1). Muitas coisas poderiam ser ditas acerca de seu complexo sistema filosófico. Contudo, para esse estudo, de forma específica, privilegiaremos suas reflexões acerca da impossibilidade do conhecimento da coisa em si devido a barreira do intelecto e do que, por conseguinte, podemos chegar a conhecer.

Para esse trabalho, nos valem dentro da obra de Kant da *Crítica da Razão*, que, por sua vez, nos será mais útil na forma da da *Estética Transcendental*, sobretudo na sessão *Observações Gerais sobre a Estética Transcendental*. Nela, Kant expõe que os objetos tal como os conhecemos não são os objetos, em si, porém, tratam-se de representações advindas da sensibilidade em intermédio com o intelecto, “Quisemos, pois, dizer, que toda a nossa intuição nada mais é do que a representação do fenômeno; que as coisas que intuímos não são em si mesmas tal como as intuímos, nem as suas relações são em si mesmas constituídas como nos aparecem [...], pois “É-nos completamente desconhecida a natureza dos objetos em si mesmos [...]. Conhecemos somente o nosso modo de os perceber, modo que nos é peculiar, mas pode muito bem não ser necessariamente o de todos os seres, embora seja o de todos os homens.” (KANT, 2001, A42). Tendo em vista essas reflexões, analisaremos a obra de Clarice Lispector.

4 | O OVO, A GALINHA E O OVO DA GALINHA

O conto, assim como a maioria das outras formas artísticas literárias, passou, primeiramente, por um processo espontâneo de nascimento e desenvolvimento, para, então, posteriormente, ser apreendido a partir de teorias classificatórias e explicativas. Segundo Gotlib (1990, p. 7) “O contador procura elaboração artística sem perder, contudo, o tom da narrativa oral. E conserva o recurso das estórias de moldura: são

todas unidas pelo fato de serem contadas de alguém para alguém.”. Mais antigo que o romance, o conto está intimamente ligado a cultura oral, como o atestam os trabalhos de coletânea elaborados sobre os mesmos, sobretudo a partir de esforços franceses e alemães. A partir do século XVI é que os contos começaram a ser colocados em forma escrita. O conto, enquanto gênero literário escrito, nasce atrelado ao apego em relação à cultura do medievo e é divulgado através da disseminação da imprensa. Sua teorização, porém, só se efetivará, de forma mais concreta com Edgar Allan Poe, no século XIX, que diz, dentre outras coisas, que “Se a primeira frase não se direcionou para esse efeito, ele fracassa já no primeiro passo. Em toda a composição não deve haver sequer uma palavra escrita cuja tendência, direta ou indireta, não leve àquele único plano pré-estabelecido.” (POE, 2004, p. 3).

Quanto a Clarice Lispector, mais especificamente em relação a seus contos, podemos perceber duas características básicas: a alteridade e a epifania. Há na maior parte de suas obras curtas um choque epifânico gerado a partir do estranhamento advindo do encontro do “eu” com o “outro”. De uma forma mais pormenorizada, a dialética do estranhamento ocorre a partir do encontro de seres diametralmente opostos, sendo o próprio protagonista-autor – quase sempre mulher –, na maioria das vezes, um desses seres: trata-se do encontro do humano com o animal – a barata em *A Paixão Segundo G.H.*, o rato esmagado em *Procurando Deus* ou do homem com a mulher – Ulisses e Lóri em *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*, Olímpico e Macabéa em *A Hora da Estrela*, além de outras várias combinações possíveis. Para S’antanna (1973, p. 203-4), contudo, focando seu olhar em *Laços de Família* e *A Legião Estrangeira*, os pares dialéticos que se repetem são quatro, classificados em dois tipos: 1) indivíduos solitários, a saber 1.1) adulto *versus* jovem; 1.2) homem *versus* animal e 2) indivíduos em comunhão, especificamente, 2.1) casais e 2.2) duplas de amigos.

Foquemos, agora, mais especificamente em *O Ovo e a Galinha*. Esse conto foi escolhido não apenas pela admiração pessoal que nos inspira. Para além disso, ele também é importante por representar um avanço de Clarice dentro de sua própria obra e por também representar, dentro de sua forma comum de desenvolvimento do enredo, essa já nomeada “dialética do estranhamento”, um aprofundamento da introspecção e da abstração (MOSEER, 2017, p. 339).

O Ovo e a Galinha, como outras obras não o fizeram, foi além de, tão só, ser inspirado no passado de sua escritora e nas reflexões subsequentes acerca dele. Esse conto, ao contrário dos outros, modificou, conseqüentemente, sua vida futura: por causa dele, Clarice Lispector foi convidada a palestrar no Primeiro Congresso Mundial de Bruxaria, onde leram uma tradução da obra.

Contudo, mesmo sendo uma obra extraordinária dentro de uma produção singular de uma escritora inovadora, *O Ovo e a Galinha* não parece ter sido exaustivamente analisado como ocorreu com outras de suas obras. Apontamos dois motivos básicos para isso: 1) o fato de tratar-se de um conto, não de um romance, sendo, assim, já

estigmatizado popularmente; 2) a própria dificuldade advinda de sua escrita complexa, rica em imagens e simbologias.

Certamente *A Hora da Estrela*, *A Paixão Segundo G.H.* e *Perto do Coração Selvagem* figuram como as produções mais analisadas e criticadas de Clarice Lispector se fizermos um recorte de suas produções longas; no caso dos contos, especificamente, destacam-se: *Amor* e *A Imitação da Rosa*, presentes na coletânea *Laços de Família*, além de *Felicidade Clandestina*, presente na coletânea de mesmo nome. Porém, *Legião Estrangeira* não figura frequentemente entre as pesquisas acadêmicas. Um dos motivos para isso pode ser o fato, também apontado por Clarice, de *A Legião Estrangeira* ter sido publicado no mesmo ano de *A Paixão Segundo G.H.*

Segundo Moser (2017, p. 339), contudo, mesmo o livro tendo sido ofuscado por *A Paixão Segundo G.H.*, ele, ainda assim, consegue unir narrativas breves inovadoras, servindo “em termos artísticos, intelectuais, espirituais”, como uma possibilidade imaginativa nova acerca de onde Clarice poderia ir depois da barata. Se *A Legião Estrangeira* como um todo parece ter escapado dos olhares da maioria do público e da crítica, *O Ovo e a Galinha* foi ofuscado ainda mais. Para esse trabalho, localizamos apenas dois trabalhos baseados, especificamente, em analisar *O Ovo e a Galinha*. São eles: *Existencialismo e Visão Existencial no Conto “O Ovo e a Galinha” de Clarice Lispector*, de Cleusa T. Suiter de Aquino e *Notas sobre “O Ovo e a Galinha”*, de Mateus Toledo Gonçalves. Todavia, as abordagens apresentadas divergem da que se fará utilizada aqui.

Contido na edição aqui usada em dez páginas, *O Ovo e a Galinha* é um dos contos mais extensos da maturidade de Clarice Lispector. Para efeitos didáticos de compreensão, dividimos o conto, todo permeado pelas meditações da narradora em primeira pessoa, em quatro partes temáticas: 1) do ovo – entre o primeiro e o décimo parágrafo; 2) da galinha – entre o décimo primeiro e o vigésimo quarto parágrafo; 3) dos agentes do ovo – entre o vigésimo quinto e o vigésimo sétimo parágrafo; 4) da narradora, agente do ovo – entre o vigésimo oitavo e o trigésimo quarto parágrafo. Embora se influenciem mutuamente, cada uma dessas partes possui, segundo nossa divisão, uma temática acentuada.

Além dessa divisão, para a confecção de nossas análises elegemos, também, hipóteses interpretativas. Sendo *O Ovo e a Galinha* um conto repleto de metáforas, queremos aqui apontar os possíveis significados de determinadas palavras que viabilizariam a apreensão do conto. Destacamos aqui quatro palavras: 1) ovo, que significaria coisa em si; 2) galinha, que significaria ser cognoscente⁴; 3) ver, que significaria conhecer.

Quanto aos acontecimentos, o conto é muito sucinto. Na esfera física, percebemos que o conto inteiro se desenrola entre três fatos: a inicial visão do ovo, o fritar dos

4 O aspecto cognoscente, além da galinha, será representado também na expressão “agente do ovo”, expressão com a qual a própria narradora se intitulará posteriormente. Ou seja, trata-se da construção de um único significado sob três expressões, uma metáfora através de três palavras carregadas de um significado.

ovos na frigideira e o chamado dos filhos para comer. Trata-se de uma obra caráter singularmente universal: não há referências geográficas ou cronológicas; tudo gira em torno da meditação sobre o ovo. Além disso, porém, na esfera mental, nos valendo da divisão exposta acima, podemos apreender o conto a partir de quatro fatos: 1) a meditação sobre as características do ovo, ou seja, da coisa em si; 2) a reflexão acerca do ser cognoscente que tenta se aproximar da coisa em si; 3) a relação que esse ser cognoscente estabelece com a coisa em si e o conhecimento gerado a partir disso; 4) reflexões existenciais acerca do indivíduo e sobre maneiras de lidar com a possibilidade de conhecimento gerada a partir de uma relação com a coisa em si.

Seguindo o viés kantiano explicitado na sessão anterior, percebe-se que, se “de manhã na cozinha sobre a mesa” ela vê o ovo e olha-o “com um só olhar” – ou seja, se ela o apreende a partir dos sentidos e das faculdades mentais –, justamente por ela carregar esse olhar limitado ela diz, “Imediatamente percebo que não se pode estar vendo um ovo”, pois o ovo, ou seja, a coisa em si não pode, por nós, ser apreendida completamente. Como nos atesta a narradora, “Ver o ovo é impossível: o ovo é supervisível como há sons supersônicos. Ninguém é capaz de ver o ovo.”: está além de nossa capacidade de apreensão sensorial e intelectual. Da coisa em si o que sempre temos é uma representação baseada em nossos sentidos e processada por nossas faculdades mentais. Outras citações durante essa primeira parte do conto corroboram com nossa alegação: “O ovo não existe mais. Como a luz de uma estrela já morta, o ovo propriamente dito não existe mais. – Você é perfeito, ovo. Você é branco. – A você dedico o começo. A você dedico a primeira vez.” (LISPECTOR, 2016, p. 303). A partir da primária meditação que, do primeiro ao segundo parágrafo, converte-se no propulsor epifânico que transforma, também, o significado da palavra, através de uma epifania na própria linguagem, fazendo “conhecer” também ser classificado como “ver”, em sentido figurado. A citação a seguir corrobora mais ainda com os pontos já expostos: “O ovo é uma coisa suspensa. Nunca pousou. [...]. Tomo o maior cuidado de não entendê-lo. Sendo impossível entendê-lo, sei que se eu o entender é porque estou errando. Entender é a prova do erro.” (LISPECTOR, 2016, p. 304).

Dito isso, podemos focar nossas atenções na segunda parte temática, “da galinha”. Sabemos que, mesmo não possuindo aparato sensível ou intelectual suficiente para atingir a coisa em si, nós, seres cognoscentes, nascemos em meio ao “ovo”, ou seja, do mundo “em si”: é nele que produzimos representações e habitamos. Sendo assim, como Clarice Lispector nos aponta, ainda na primeira parte do conto, “Ovo é a alma da galinha. A galinha desajeitada. O ovo certo. A galinha assustada. O ovo certo. Como um projétil parado.”, pois, como ela diz anteriormente, “O ovo é uma exteriorização. Ter uma casca é dar-se.” (LISPECTOR, 2016, p. 304). Pois, sendo impossível conhecer seu conteúdo interno de forma objetiva, resta-nos compreender sua “casca”, ou seja, sua superfície alcançável por nossos sentidos e capaz de apreensão por nosso intelecto. É como ela diz posteriormente, “Não toco nele [no ovo]. A aura de meus dedos é que vê o ovo. Não toco nele. – Mas dedicar-me à visão do ovo seria morrer para a vida

mundana, e eu preciso da gema e da clara.” (LISPECTOR, 2016, p. 304). Sendo assim, podemos perceber, enfim, que meditar sobre a coisa em si através do processo do conhecimento sempre resulta numa produção parcial, como ela nos diz a seguir, “E eis que não entendo o ovo. Só entendo o ovo quebrado [...]” (LISPECTOR, 2016, p. 308), pois, “Quanto a quem veio antes, foi o ovo que achou a galinha. A galinha não foi sequer chamada. A galinha é diretamente uma escolhida. – A galinha vive como em sonho. Não tem senso da realidade.”, e, posteriormente, “A galinha tem muita vida interior. Para falar a verdade, a galinha só tem mesmo é vida interior. A nossa visão de sua vida interior é o que nós chamamos de ‘galinha’. A vida interior da galinha consiste em agir como se entendesse. Qualquer ameaça e ela grita em espanto feito uma doida.” (LISPECTOR, 2016, p. 306-7). Portanto, sendo a coisa em si anterior ao mundo das representações, resta-nos, existencialmente, aceitar a convivência – nós, galinhas e agentes do ovo – com esse “desconhecido”, que é o ovo, resignando-os a nosso lugar menor de humanos, nosso lugar de eterno-meio da história, através do qual as misteriosas forças inomináveis da Natureza agem, se desdobrando e se convulsionando, revelando-nos a história da humanidade e do cosmos.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos, inicialmente como *O Ovo e a Galinha* posiciona-se na obra de Clarice Lispector enquanto uma produção já singular dentro dos outros escritos da autora. Trata-se de um aprofundamento nas características principais na escrita da autora. A epifania-visão que ocorre no início do conto a partir da visão do ovo marcada na primeira frase é o estopim para uma série de reflexões que transcorrem durante as dez páginas do conto.

Utilizando-nos de Kant na *Crítica da Razão Pura* como marco teórico, nos valem de suas reflexões, sobretudo na “Estética Transcendental” para analisarmos a obra de Lispector. Dentro de suas ideias, extraímos para esse trabalho as reflexões que versam sobre a impossibilidade de se conhecer os objetos em si mesmo, sendo o nosso conhecimento sempre representação baseadas nos sentidos e nas faculdades mentais, e nunca exatidão.

Dessa forma, prosseguimos com a análise do conto, dividindo-o em partes segundo suas temáticas. Elegemos quatro partes e atribuímos a elas os conceitos-chaves a serem discutidos no conto. Com tudo visto, percebemos como Clarice Lispector, através da metáfora do ovo e da galinha, constrói uma reflexão profunda acerca da dificuldade de compreensão da realidade devido ao jeito como podemos nos dar ao ato de conhecer. No futuro, esta pesquisa pode se desdobrar em outras que leiam e interpretem outras obras a partir deste mesmo ou de outros diversos marcos teóricos.

REFERÊNCIAS

- LISPECTOR, Clarice. O Ovo e a Galinha. In: _____. **Todos os contos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2016. p. 303-313.
- AQUINO, Cleusa T. Suiter de. **Existencialismo e visão existencial no conto” o ovo e a galinha” de Clarice Lispector**. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/view/18125>>. Acesso em: 10 jun. 2017.
- ARISTÓTELES. **Metafísica**. Abril Cultural: São Paulo, 1984.
- CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1977..
- DELEUZE, Gilles. **Para ler Kant**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- GONÇALVES, **Notas sobre “O Ovo e a Galinha”**. Matheus Toledo. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/humanidades/article/view/113333>>. Acesso em: 10 jun. 2017.
- GOTLIB, Nádía Battella. **Teoria do Conto**. São Paulo: Editora Ática, 1990.
- HÖFFE, Otfried. **Immanuel Kant**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- MOSER, Benjamin. **Clarice**,: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- MOSER, Benjamin. Glamour e Gramática. In: LISPECTOR, Clarice. **Todos os Contos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.
- POE, Edgar Allan. **Resenhas sobre Twice-Told Tales, de Nathaniel Hawthorne**. Tradução de Charles Kiefer. Bestiario, Porto Alegre, v.1, n.6, 2004. Disponível em: <<http://www.bestiario.com.br/6.html>>. Acesso em: 10 jun. 2017.
- SÁ, Olga de. **A Escrita de Clarice Lispector**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SANT’ANNA, Afonso Romano de. **A análise estrutural de romances brasileiros**. Petrópolis: Vozes, 1973.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação, 1º tomo**. São Paulo: Unesp, 2015.

ÍNDICE REMISSIVO

A

A cidade sitiada 1, 2, 3, 6
Alteridade 23, 29, 54, 74, 87, 165, 233
Anamnese 15
A queda do céu 87, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 96
Autobiografia 7, 8, 9, 70

C

Cenas de Escrita 79, 80, 81, 83, 86
Cidade 1, 2, 3, 4, 6, 12, 16, 17, 19, 41, 50, 54, 55, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 104, 105, 118, 119, 120, 132, 144, 145, 176, 210, 233, 237, 248, 249
Cinema Engajado 225, 233
Clarice Lispector 1, 2, 3, 4, 5, 6, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78
Construção dos Sentidos 151
Cordel 49, 50, 57, 168

D

Dalcídio Jurandir 117, 118, 125, 126

E

Elisabeth Badinter 32, 33, 36, 37, 38
Escrita de si 87

F

Fantástico 24, 26, 28, 29, 30, 31, 110, 111, 112, 113, 114, 116

H

Herberto Helder 79, 80, 81, 86

I

Identidade 11, 15, 21, 27, 30, 35, 42, 61, 62, 89, 91, 96, 100, 119, 134, 135, 142, 167, 175, 189, 192, 200, 207, 208, 213
Imaginário 20, 32, 81, 112, 129, 191, 230
Inês Pedrosa 15, 16, 18, 20, 21, 22

L

Lisboa 16, 22, 30, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 78, 86, 164, 213, 224
Literatura de Autoria Feminina 58
Literatura Francesa 7
Literatura Indígena 87
Literatura Juvenil 130, 135, 172, 173, 174, 175, 176, 179, 180

M

Medo 3, 11, 12, 19, 20, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 45, 97, 245

Memória 1, 4, 7, 8, 10, 13, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 26, 27, 35, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 81, 82, 84, 93, 119, 135, 138, 140

Modernidade 32, 89, 96, 120, 209, 216, 221

Mulheres 12, 30, 32, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 49, 50, 56, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 91, 101, 146, 232

N

Narrativa Fantástica 24, 25, 110, 113

Narrativa Poética 1, 3, 4, 5, 6

O

Osman Lins 97, 98, 100, 101, 104, 105, 106, 107, 108, 109

P

Poesia 5, 22, 49, 50, 55, 56, 59, 79, 80, 84, 86, 138, 216, 217, 218, 219, 223, 224

R

Relações de gênero 24, 25

Representações sociais 32, 33, 34, 35, 37, 39, 40

S

Sertão 49, 50, 51, 54, 56, 57

T

Transfiguração 97, 98, 101, 106, 108

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-593-8

